

O Projeto “Vamos Tocar Samba” no Conservatório Estadual Haidée França mericano: Um relato de experiência

GTE 23 - Relações Étnico-Raciais, perspectivas afrodiaspóricas e decolonialidade em Educação Musical

Comunicação

*Amana da Veiga Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro
santosamana@gmail.com*

Resumo: O artigo em questão discorre sobre o projeto “Vamos Tocar Samba” que acontece no Conservatório Estadual de Música - Haidée França Americano, localizado em Juiz de Fora - Minas Gerais, seus objetivos, metodologia, membros e formas de existência/resistência. Também contextualiza sobre os aspectos primários da história do samba e a importância das leis 10.639/03 e 11.645/08 para a inserção de História e Cultura Afro-brasileiras e Indígena nos estabelecimentos oficiais de ensino.

Palavras-chave: samba, educação musical, conservatórios.

Introdução

Alicerçado no Conservatório Estadual de Música “Haidée França Americano” (CEMHFA), localizado na cidade de Juiz de Fora, o Projeto “Vamos Tocar Samba” tem como objetivo ampliar as possibilidades de acesso da comunidade escolar e externa ao repertório da música brasileira, oferecendo aulas de prática do repertório de samba para todos os interessados, além de contextualizar, em ordem cronológica, os períodos da história do samba.

Incentivados¹ pelo interesse no samba e pela necessidade de difundir dentro do CEMHFA aspectos práticos/teóricos/sociais e historiográficos do gênero, um grupo de professores idealizou e colocou em prática o projeto, que entrou em atividade no início do ano letivo de 2018.

¹ O texto está majoritariamente escrito no plural porque, apesar do artigo ter sido feito individualmente, a execução e prática do projeto só é possível por sua natureza coletiva.

Ao longo da minha trajetória no conservatório de Juiz de Fora como ex-discente e atual docente pude perceber a ausência da valorização de práticas musicais e culturais afro-diaspóricas, dos povos originários, das tradições orais e outras culturas musicais que não se inserem no cânone da música e educação musical tradicional. A música erudita ocidental hierárquica e hegemônica é praticada de forma inquestionável, e em muitos momentos a realidade musical local não é considerada. O incômodo gerado pelos coordenadores do projeto, aliado ao interesse e identificação com o samba e a música brasileira, possibilitou que o projeto fosse pensado e concretizado. Segundo a etnomusicóloga Glaura Lucas et. al. (2016):

[...]certas bases ideológicas espelhadas nos modelos formais conservatoriais eurocêntricos, com pretensões de universalidade conceitual, estética, de prática social e de transmissão, veem-se reproduzidas, sob vários aspectos, em muitos ambientes de educação musical, não apenas das sociedades europeias, mas também, evidentemente, em muitos lugares do mundo sobre os quais essas se lançaram (LUCAS, 2016, p. 250).

Ainda em alusão à educação musical baseada majoritariamente em princípios musicais ocidentais, a educadora musical e pesquisadora Djenane Silva (2018) relata:

É pertinente refletirmos que, se na prática, o que acontece nas escolas regulares, por exemplo, é uma tendência em considerar os padrões hegemônicos culturais como ideais para o ensino de música, é porque na formação inicial o educador musical foi levado a, de fato, considerar esses padrões como aceitos e legitimados, desconsiderando a ampla diversidade cultural e manifestações culturais outras como possíveis de serem usadas na sala de aula. De uma certa forma, esse engessamento e padronização se deve ao fato de que a maioria dos cursos de licenciatura em música ainda mantém uma fórmula ultrapassada de ensino, onde não há abertura para a vivência e conhecimento das inúmeras manifestações culturais e possibilidades de usá-las em sala de aula. (SILVA, 2018, p. 36).

Cabe a nós, educadores com formação diversificada - a qual muitas vezes advém de uma educação musical não institucionalizada - implementar em nossas práticas modelos educacionais não tradicionais e decoloniais, que possibilitem aos alunos de escolas tradicionais, como os conservatórios, o acesso à diversidade musical nacional, além do compartilhamento de suas vivências musicais no ambiente escolar.

Este trabalho aborda, em um primeiro momento, os primórdios da história do samba e a importância do conhecimento e percepção da história e cultura afro-brasileiras para que saibamos compreender melhor a sociedade em que estamos inseridos, tendo como embasamento as leis 10.639 de 2003 e 11.645 de 2008, que tratam da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e indígena.

Posteriormente são abordadas as especificidades do Projeto “Vamos Tocar Samba”, também questões sobre o Conservatório Estadual de Música “Haidée França Americano” onde o projeto é realizado. Conclui-se falando sobre as dificuldades e benefícios da prática musical em conjunto do samba em uma escola especializada de música, bem como as ações que ainda pretendemos realizar no projeto.

Os primórdios do samba e as leis de incentivo ao ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena

O samba, hoje centenário, tem uma história rica e cheia de variantes, entretanto, seu título de gênero nacional começou a ser projetado na segunda metade da década de 1910 a partir do registro e gravação de “Pelo telefone”, em 1916 e 1917 respectivamente, canção considerada a primeira do gênero gravada (SANDRONI, 2008, p. 120). Há relatos que anteriormente outras canções com estilo e nome de samba já haviam sido registradas, todavia, não tiveram a notoriedade, nem a popularidade da polêmica música composta por diversos sambistas em versos improvisados na casa da Tia Ciata², mas registrada apenas por Donga³ em parceria de Mauro de Almeida⁴. A meu ver este ato foi uma forma de apropriação de um movimento socio-musical que acontecia de forma coletiva, como um aquilombamento, transformando-se em algo com fins comerciais e lucrativos. De acordo com Sandroni (2011, p. 120), essa parceria possibilitou que o samba veiculasse em meios antes não possíveis, aumentando sua notoriedade e fama.

² Hilária Batista de Almeida - personagem importante para o surgimento do samba urbano carioca, no início do Sec. XX.

³ Ernesto Joaquim Maria dos Santos - compositor registrado do primeiro samba gravado. O “Pelo telefone”.

⁴ Jornalista e compositor brasileiro. Compositor registrado de “Pelo Telefone”, o primeiro samba gravado.

Grande sucesso no carnaval de 1917, “Pelo Telefone” abriu as portas para que outros sambas fossem compostos e o gênero se difundisse de tal forma a ser considerado o maior do país. A partir daí o samba se transformou em vários, tendo início no samba maxixado, passando pelo samba exaltação, o samba canção, além do samba de partido alto, samba enredo, samba break, o samba rock, entre outros. Surgiram alguns subgêneros como o pagode na década de 1970, o pagode romântico na década de 1990, até chegar ao samba e pagode que são veiculados nos dias de hoje (SEVERIANO, p. 70, 288, 431, 449).

O termo samba tem diversas origens, possivelmente originárias do continente africano, como por exemplo na língua cokwe, do povo quioco, de Angola, que significa divertir-se, brincar, cabriolar. No quicongo (também de Angola), tem como significado “uma espécie de dança em que o dançarino bate contra o peito do outro” (LOPES, 2011, p. 616); e no quimbundo, de origem bantu, pode também ser escrito com a variante *semba*, e define ato em que duas pessoas chocam seus peitos, ou ventres, que no Brasil ficou conhecido como umbigada. Podemos observar a umbigada em diversas manifestações e danças afro-brasileiras como o jongo, o samba de roda, o coco, entre outros. (SANDRONI, 2012, p. 86; LOPES, 2004, p. 616).

A dança de umbigada está associada a várias manifestações culturais dos povos bantu⁵ no continente africano e nos povos americanos em que as transculturações resultantes da diáspora africana são frequentemente identificadas. (LOPES, 2004, p.688).

As informações relacionadas ao samba e sua origem são importantes para que tenhamos conhecimento e consigamos estabelecer relações com as culturas afro-brasileiras e africanas, uma vez que mais da metade da população brasileira se considera negra ou parda, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mas, contraditoriamente temos pouco conhecimento acerca dessas culturas, gerando preconceitos e racismos diversos.

De acordo com nosso ponto de vista a conscientização racial dos membros da sociedade possibilita diminuição das tensões étnico-raciais existentes no país, levando conhecimento, permitindo com que os afro-brasileiros se sintam

⁵ “forma que designa cada um dos membros da grande família etnolinguística à qual pertenciam, entre outros, os escravos no Brasil chamados angolas, congos, cabindas, benguelas, moçambiques, etc.” (LOPES, 2014, p. 101).

pertencidos e reconhecidos pela sua história, além de possibilitar que os não-negros conheçam e valorizem a diversidade étnica e cultural do país em que se encontram, a partir de uma percepção decolonial e não-hegemônica. Tal conscientização deve acontecer também, e principalmente, nas instituições regulares de ensino através de profissionais devidamente qualificados e embasados. Consideramos o papel da etnomusicologia fundamental nesta interlocução entre educação musical e culturas afro-diaspóricas. De acordo com Lucas (2016):

A etnomusicologia é a disciplina por excelência que tradicionalmente vem estudando as expressões musicais como práticas sociais culturalmente construídas, destacando as especificidades contextuais das significações e dos comportamentos das performances musicais, e promovendo o estudo e o diálogo intercultural (LUCAS et al., 2016, p. 241).

Acreditamos que a etnomusicologia é fundamental para a difusão coerente e correta das musicalidades afro-diaspóricas, indígenas, dos contextos de tradição oral, das tradições populares, urbanas e outras, além de acreditarmos que a conexão entre educação musical e etnomusicologia é essencial para a aplicabilidade correta da lei 10.639/03 nas escolas específicas de música, como é o caso de conservatórios.

A lei 10.639/03 implementada com o intuito de fazer chegar à população brasileira parte da história e cultura do país, que durante muito tempo foi omitida, negada e silenciada. Sancionada em 2003 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a lei em questão alterou o texto original da lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), outorgando a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura afro-brasileiras nos estabelecimentos de ensino brasileiros. Entretanto, no ano de 2008, a lei 11.645, alterou mais uma vez o texto da LDB de 1996, desta vez incluindo a obrigatoriedade do estudo de história e cultura indígena (BRASIL, 2003, 1996, 2004).

Segundo o texto da Lei 11.645, torna-se obrigatório nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, o ensino de História e Cultura Afro-brasileira, e que o conteúdo lecionado deve incluir os diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos. A lei exige o estudo da história da África e dos africanos e dos povos indígenas no Brasil, além de abordagens

educacionais que incluam “a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil” (BRASIL, 2008).

É a partir deste embasamento legal, da nossa admiração pelo samba, dos nossos anseios em ampliar a diversidade musical no Conservatório Estadual de Música “Haidée França Americano”, que idealizamos o projeto “Vamos Tocar Samba” e estamos em atividade desde 2018.

O PROJETO “VAMOS TOCAR SAMBA” NO CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA “HAIDÉE FRANÇA AMERICANO”

O Projeto “Vamos Tocar Samba” entrou em atividade em 2018, no início do período letivo, no Conservatório Estadual de Música “Haidée França Americano” pela iniciativa de Amana da Veiga Santos, Mila Chaubah Bezerra, professoras de flauta transversal e violino, respectivamente. Além disso teve o apoio inicial do professor Sérgio Oscar, da área de teoria musical e do professor Marcelo Xavier, também da área de teoria musical, que posteriormente viria a ser coordenador do projeto, juntamente com as idealizadoras. Todos os professores acima fazem parte do quadro efetivo da escola.

O CEMHFA está localizado na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais e é um dos conservatórios de música pertencentes ao estado, que a partir de 1951, no governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira, iniciou, a partir da implementação de leis, o incentivo à educação musical especializada e à cultura musical do estado com a criação de 12 conservatórios estaduais de música (MOTA, 2006, p. 21,23).

Inaugurado em janeiro de 1955, o Conservatório de Juiz de Fora tem grande importância na formação de educadores e músicos locais. A escola possui atualmente cerca de 3000 alunos e oferece 17 cursos que vão do ensino fundamental ao ensino médio, e também o nível técnico, além dos projetos de extensão que abrangem a comunidade.

O projeto “” teve início em março de 2018, com continuidade nos anos de 2019 e 2020, entretanto foi interrompido a partir da pandemia ocasionada pelo Novo Coronavírus que assola a humanidade desde o início do ano de 2020. O “Vamos Tocar Samba” acontecia semanalmente, com duração de 1h40 min. Participam do projeto alunos matriculados no conservatório, pessoas da

comunidade externa (como também músicos populares da cidade), professores e outros funcionários da instituição. Por acontecer no turno da noite o perfil dos participantes do projeto é exclusivamente de pessoas adultas adulto.

As oficinas ocorrem da seguinte forma - Inicialmente fala-se sobre determinado momento histórico brasileiro (em ordem cronológica a partir do início do século XX quando surgiu o samba de forma parecida com a que conhecemos hoje) expondo fatos, propondo um olhar decolonial sobre a história, tentando percebê-la também por olhares não hegemônicos como das pessoas periféricas, dos negros, das mulheres, pessoas LGBTQIA+, entre outras. A partir do viés histórico e social contextualizamos em relação aos acontecimentos musicais deste mesmo momento e finalmente chegamos à música escolhida para tocar. Apresentamos a música, suas informações gerais, tais como compositores (as), ano, intérpretes, entre outros, e posteriormente expomos, através de aparelhos eletrônicos e equipamentos da escola, algumas das versões mais importantes da música, além da versão original. Feito isso, são distribuídos aos participantes versões impressas da música, seja somente a letra, ou letra com cifra, ou mesmo partitura com cifra, considerando a diversidade de membros do projeto. A partir daí, em conjunto, tentamos tocar a música com todos os instrumentos e vozes, depois começamos a expressar nossas ideias na obra, escutando a todos os membros, fazendo as adaptações que achamos pertinentes tendo como resultado um arranjo musical criado de forma coletiva pelos membros do projeto.

Como há alguns professores da escola no projeto, sempre que necessário fazemos pausas para elucidarmos dúvidas dos participantes, sejam elas rítmicas, harmônicas, vocais, dúvidas técnicas dos instrumentos etc. Também tentamos sempre que possível inserir nos arranjos, aspectos da agógica, dinâmica musical, mas também algumas práticas da música popular, enriquecendo o nosso fazer musical.

“Pelo Telefone”, o primeiro samba gravado, em 1917, também foi a primeira música a ser tocada pelos integrantes do Projeto “Vamos Tocar Samba”, visto que um dos objetivos do projeto é apresentar as músicas em ordem cronológica, de acordo com a história do samba. Contextualizamos historicamente desde o tempo em que os negros escravizados faziam seu samba, seu pagode (sinônimo de festa) até a chegada de vários imigrantes vindos de Salvador para o

Rio de Janeiro pela mudança de capital do país, e conseqüentemente, mudança do eixo econômico e cultural. Discutimos os papéis importantes das Tias Baianas para o surgimento do samba urbano carioca, a apropriação musical ou compra de músicas por figurões da elite carioca, o embranquecimento do gênero para que fosse aceito pela elite, e tantas outras questões.

A partir daí mostramos a gravação original da música, pela Casa Edson em 1917 e outras versões conhecidas como a dos Cinco Crioulos, em 1967 e do Martinho da Vila, em 1973. Analisamos as diferenças entre as versões: o quão parecido com o maxixe era o samba em sua versão original, as limitações da gravação feita em um só momento, entre outras observações. Posteriormente entregamos aos participantes versões impressas em três guias da música para que a partir daí fizéssemos nosso arranjo. O arranjo de “Pelo Telefone” feito pelos integrantes do Projeto “Vamos Tocar Samba” contém solos instrumentais e vocais, breaks de percussão, contracantos vocais, além de improvisos.

Seguindo este exemplo em todas as outras músicas trabalhadas, o Projeto “Vamos Tocar Samba” flui, ocupando seu lugar no Conservatório Estadual de Música “Haidée França Americano” e permitindo com que tenhamos maior conhecimento teórico e prático acerca do gênero que se tornou conhecido com gênero nacional - o Samba.

A troca que acontece entre os participantes do projeto é riquíssima, uma vez que pessoas de meios distintos estão abertas a novos conhecimentos e a junção de suas experiências possibilita o enriquecimento do projeto, entretanto, não podemos deixar de citar os percalços que encontramos ao colocar o projeto em prática.

A principal dificuldade encontrada para a execução do Projeto “Vamos Tocar Samba” é a falta de instrumentos musicais próprios, posto que a escola, por não oferecer cursos voltados para a música popular ou culturas musicais brasileiras, não possui em seu acervo instrumentos específicos de samba ou pagode. Tal fato faz com que os próprios integrantes do projeto tenham que trazer seus instrumentos, gerando alguns empecilhos.

Quando algum membro do projeto, que toca instrumentos que não temos na escola, se ausenta nós ficamos sem aquele instrumento durante o ensaio, pois aquele membro o traria consigo. A questão da falta de instrumento também

pode gerar determinada falta de acesso ao projeto, já que instrumentos como tantan⁶ e o surdo⁷, possuem grandes dimensões e em alguns momentos precisam ser transportados de carro. No projeto contamos com um integrante que faz longa viagem de ônibus urbano com seu tantan para que possa participar do projeto, entretanto sabemos o quão sacrificante é este ato.

No início da prática do projeto tivemos algumas reclamações não oficiais de professores da escola por estarmos fazendo “barulho” e atrapalhando suas aulas, além de dificuldade para a utilização do auditório da escola como local fixo (previamente agendado) para a ocorrência das oficinas. Tais situações foram resolvidas com conversas também informais, mas entendemos o desconforto que o projeto inicialmente causou na escola, por se tratar de um ambiente extremamente formal, com práticas musicais majoritariamente europeias e brancas.

Alguns empecilhos nos fortalecem enquanto grupo nos trazendo união, nos forçando a achar soluções em conjunto, mas discordamos da necessidade de se passar por intercorrências para evoluirmos enquanto grupo. Há maneiras musicais, mais saudáveis para que ocorra esta evolução e fortalecimento.

Sabemos que o momento de crise orçamentária que a educação nacional passa é grave e que a educação musical sofre consequências intensas por se inserir na subárea Artes, a qual vem sofrendo cortes irresponsáveis no âmbito federal, estadual e municipal. Realizar adaptações, como as que fazemos no Projeto “Vamos Tocar Samba” é fundamental para que possamos continuar trabalhando e exercendo nosso papel na educação musical, fazendo o que acreditamos que é difundir e valorizar a diversidade musical existente no nosso país, independente do ambiente educacional em que nos encontramos.

INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO - TABELAS

Quadro 1: Número de participantes

2018	2019	2020
15	24	25

⁶ Instrumento de percussão com couro e corpo de madeira, utilizado no samba.

⁷ Instrumento de percussão feito de madeira ou metal, com pele nos dois lados, utilizado no samba.

Fonte: Chamadas de 2018 e 2019 do projeto

Quadro 2: Instrumentos musicais do Projeto

2018	2019	2020
Bandolim Cavaquinho Flauta transversal Pandeiro Piano Tantan Violão Violino Vozes	Cavaquinho Contrabaixo Flauta transversal Guitarra Pandeiro Piano Surdo Tantan Violão Violino Vozes	Cavaquinho Contrabaixo Flauta transversal Guitarra Pandeiro Piano Surdo Tantan Violão Violino Vozes

Fonte: Informações tiradas da documentação do projeto

CONCLUSÃO

O Projeto “Vamos Tocar Samba”, coordenado no ano de 2020 e 2021 pelos professores Amana da Veiga Santos, Mila Chauba Bezerra e Marcelo Xavier, tem alcançado seus objetivos de reunir pessoas da comunidade escolar, e da comunidade externa para conhecer um pouco mais da complexidade do samba, entendendo sua história e fazendo uma prática musical em conjunto, respeitando a individualidade dos participantes.

O intercâmbio entre músicos locais, alunos e professores da escola nos tem enriquecido pessoalmente e enquanto músicos, além de permitir com que o projeto esteja presente em vários momentos do ano letivo no CEMHFA.

Nossa meta para os próximos anos é adquirir instrumentos próprios e nos apresentar musicalmente, além dos eventos escolares que já tocamos, em

eventos externos, levando um pouco do nosso conhecimento teórico e prático para outras esferas da sociedade.

A interferência da pandemia⁸ na vida escolar foi e continua sendo muito grande e prejudicial. Apesar de termos nos reinventado e, em diversos aspectos, obtido resultados positivos, até os dias de hoje temos realizado adaptações para o melhor funcionamento das escolas. A decisão da coordenação foi manter a prática musical do projeto “Vamos Tocar Samba” pausada durante este período, mas também optamos em manter um contato próximo com os alunos, enviando, através de redes sociais direcionadas ao projeto, como o *WhatsApp* e o *Instagram* do grupo, vídeos, textos, e diversas ferramentas ligadas ao samba e pagode, e ao nosso projeto. Esperamos em breve voltar tocar samba e nos envolver com esse universo tão grandioso e diverso que é a música brasileira.

Referências

LOPES, Nei. *Enciclopédia da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

LUCAS, Glaura; QUEIROZ, Luis Ricardo; PRASS, Luciana; RIBEIRO, Fábio Henrique; AREDES, Rubens de Oliveira. *Culturas Musicais Afro-brasileiras - Perspectiva Para Concepções e Práticas Etnoeducativas em Música*. In: LUHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de. *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2016.

SANDRONI, Carlos. *Feitiço Decente - Transformações do samba no Rio de Janeiro (1919-1933)*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SAVERIANO, Jairo. *Uma História da Música Popular Brasileira: Das origens à modernidade*. 3ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

SILVA, Djenane Vieira dos Santos. “uma fita de mil grau”: o movimento hip hop na construção de identidades culturais afrodiaspóricas. Salvador, UFBA, 2018.

⁸ Pandemia ocasionada pelo Novo Coronavírus, ou Covid-19, que assola a humanidade desde o início de 2020, gerando diversas restrições, isolamento social, entre outras recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS).